
A literatura de cortesia como lugar de memória: os casos de Castiglione e Rodrigues Lobo

RUFINO, Carolina Terramoto¹

RESUMO: Apesar de ter sido tema recorrente na literatura medieval, sobretudo na poesia trovadoresca e nos romances de cavalaria, a problemática do comportamento social tornou-se um tópico central na literatura de um período marcado por mudanças significativas na estratificação social como foi a época Moderna. Tratando-se de um elemento fundamental no estudo das sociedades desta época do ponto de vista comportamental, a literatura de cortesia é também guardiã de uma memória que merece ser evidenciada e estudada. Neste estudo pretende-se analisar o carácter memorial deste género literário nos séculos XVI e XVII, tendo como objecto de estudo a aproximação entre duas obras indiscutivelmente diversas: *Il Libro del Cortegiano* (1528), de Baldesar Castiglione, e *Corte na Aldeia* (1619), de Francisco Rodrigues Lobo. Considerando a complexidade inerente aos dois diálogos, trata-se fundamentalmente de um estudo de caso, através do qual se almeja realizar uma primeira abordagem a estas narrativas como lugares de memória.

Palavras-chave: Literatura de Cortesia; Lugar de Memória; História Moderna.

Courtesy Literature as Place of Memory: the cases of Castiglione and Rodrigues Lobo

RESUME: Despite having been a recurrent subject in medieval literature, especially in troubadour poetry and chivalric romances, the problematic of social behaviour became a central topic in the literature of a period characterized by significant mutations in the social stratification as the Early Modern Age was. Being a fundamental element in the study of the societies of this time from a behavioural point of view, courtesy literature is also a guardian of a memory that deserves to be emphasized and studied. In the present study, we aim to analyse the memorial character of this literary genre in the 16th and 17th centuries, having two indisputably diverse books as the core of this research: *Il Libro del Cortegiano* (1528), by Baldesar Castiglione, and *Corte na Aldeia* (1619), by Francisco Rodrigues Lobo. Considering the inherent complexity of the two dialogues, it is fundamentally a study of case, through which we aim to make a first approach to these narratives as places of memory.

Keywords: Courtesy Literature; Place of Memory; Early Modern History.

INTRODUÇÃO

Na sua *magnum opus*, publicada em 1860, Jacob Burckhardt refere-se à sociabilidade no Renascimento como “obra de arte” (BURCKHARDT, 1983, p. 290).

¹ Investigadora colaboradora do Centro de História da Universidade de Lisboa (CH-ULisboa). Licenciada em História pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, Mestranda em História, especialidade em História Moderna e Contemporânea, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Email: mcarolinarufino@gmail.com

Embora se reporte à sociabilidade no seu sentido mais amplo e ao papel da linguagem nela desempenhado, esta noção de convivência social como «obra de arte» a que alude Burckhardt é fundamental para compreender a centralidade que a problemática da cortesia assumiu na época Moderna, sobretudo no plano literário².

A matéria das boas maneiras foi uma temática recorrente na poesia trovadoresca e nos romances de cavalaria. Contudo, a sua teorização durante o Renascimento conferiu-lhe uma importância superior. No que respeita ao tratamento desta matéria, o que distingue as obras humanistas das medievais não é tanto as regras em si ou os costumes que são nelas referidos, mas sobretudo “o tom em que são escritas, a maneira de perspetivar as coisas” (ELIAS, 1989-1990, p. 120). Norbert Elias salientou também a “sensibilidade mais pronunciada” e a “observação mais aturada” como principais factores de diferenciação entre a visão moderna da cortesia e a visão medieval.

Compreende-se que a problemática do comportamento social se tenha revestido de maior relevância no Renascimento, dado que a mentalidade renascentista se definiu pela percepção renovada que o indivíduo construiu de si próprio e do mundo que o rodeava. Esta nova perspectiva iria influenciar, naturalmente, o modo como o homem encarava a conduta humana, nomeadamente ao nível do convívio em sociedade. Por outro lado, deve salientar-se a contribuição das transformações na estratificação social para a crescente preocupação com a cortesia. Sobretudo a aristocracia, que se formou envolta de inúmeras famílias que se emanciparam na hierarquia social de forma excepcional, encontrava-se “permanentemente renovada por elementos vindos da burguesia” (DELUMEAU, 1984, p. 280). Outro dado significativo a este respeito é o facto de essa «nova aristocracia» se ter pautado por valores que não estavam associados à tradição da cavalaria, cultivando o gosto pela cidade e pela educação – ambas particularmente relevantes no âmbito da cortesia (DELUMEAU, 1984, 277-285).

² Num breve ensaio acerca do cortesão, Peter Burke aponta um estudo de um autor americano no qual, para os séculos XV e XVI, estima terem sido redigidos mil e quatrocentos tratados sobre o cortesão e oitocentos sobre a cortesã. A título de exemplo, citamos algumas das obras que se nos afiguram mais relevantes na segunda metade do século XVI: *Il Galateo overo de' Costumi* (1558), de Giovanni Della Casa; a tradução e comentário desta obra por parte de Luca Gracián Dantisco, conhecida como *Galateo Español* (1593); *Della Istituzione di tutta la Vita dell' Uomo nato nobile et in città libera* (1542) e *Il Gentiluomo* (1571), ambas de Girolamo Manuzio (BURKE, 1995, p. 101).

Esta movimentação dos indivíduos na hierarquia da sociedade impôs a necessidade de uniformizar a conduta social (ELIAS, 1989-1990, p. 127), tendo sido justamente neste contexto que se afirmou a literatura dedicada à cortesia. No caso português, a cultura política dos séculos XVI e XVII era adversa à ideia de mobilidade social, embora esta se tenha manifestado durante esse período, nomeadamente no que se refere ao aparecimento da chamada «nobreza civil» (MONTEIRO, 2003, pp. 47-50). Cumpre lembrar, ademais, que os conceitos envolvidos nesta matéria – corte e cortesia, por exemplo – são sobremaneira complexos³.

Durante a época Moderna, a corte assumiu sem dúvida contornos sagrados, afirmando-se como exemplo a seguir e espaço de modas e tendências. Entende-se, pois, que se tenha tornado um objecto digno de registo por parte dos autores que se dedicaram a teorizações sobre a matéria da cortesia.

A corte era imaginada como um Olimpo, a casa dos deuses, como revela a comparação feita por Ronsard nas suas poesias e ilustrada pelas pinturas da época, em que Júpiter aparece com as feições de Henrique II de França e Juno se parece com Catarina de Médicis, exemplo concreto dessa concepção geral que na corte via o reflexo da ordem sobrenatural. (BURKE, 1995, p. 105)

O carácter exemplar que o meio curial assumiu neste período justifica, simultaneamente, a importância conferida à formação dos indivíduos que habitavam o respectivo espaço ou integravam o grupo associado à figura do rei⁴. Note-se, por outro lado, que a corte se tornou igualmente expressão máxima do poder, “uma encarnação da ordem política e social, o microcosmos da ordem natural e também o reflexo da hierarquia sobrenatural” (BURKE, p. 102). Ainda que seja perceptível uma continuidade dos padrões das cortes medievais nas cortes modernas, as transformações culturais, sobretudo, que ocorreram nesse meio social não só reflectiam as mudanças no mundo político, como se tornaram parte integrante da

³ O conceito de corte, sobretudo, é mormente problemático. Se, por um lado, é possível limitar a corte ao espaço físico onde habita o rei e as pessoas que o rodeiam, por outro, podemos associar este conceito ao grupo social onde está inserida a figura do monarca, a família real e outras figuras que estejam directamente associadas à vivência do rei. Norbert Elias desenvolveu ainda a ideia de corte como “uma «configuração» social peculiar, com uma racionalidade própria” (BURKE, 1995, p. 102); veja-se ainda Elias (1987, p. 66-78). A propósito do contexto português, veja-se, a título de exemplo, Cardim (2011, p. 160-201).

⁴ A este respeito, deve salientar-se a educação do Príncipe, que era indubitavelmente a de maior importância. O que é visível, aliás, na produção literária que se dedicou a essa problemática. Citamos, a título de exemplo, o incontornável *O Príncipe* (1532), de Nicolau Maquiavel, e *A Educação de um Príncipe Cristão* (originalmente *De civilitate moerum puerilium*) (1516), de Erasmo de Roterdão.

sua manifestação. Lembre-se, por exemplo, a prática do mecenato. O investimento nas artes e na literatura resultava, em certa medida, da sua utilização como meio de expressão do poder. Por outro lado, Elias refere que esse processo de mutação das cortes medievais para as cortes modernas implicou uma extensa alteração de comportamentos, reconhecendo, no entanto, que essa mutação não foi repentina (ELIAS, 1989-1990, p. 119).

Independentemente da abordagem que se faça no estudo da literatura dedicada à cortesia, é fundamental que se esteja consciente da complexidade do meio curial que acima apresentámos sucintamente. Conquanto se encontrem separados por um entretempo significativo, os dois diálogos que serão aqui analisados inserem-se nessa complexa realidade.

CASTIGLIONE E RODRIGUES LOBO

Integrados em conjunturas diferenciadas, Baldesar Castiglione e Francisco Rodrigues Lobo apresentam percursos de vida díspares e dignos de uma breve referência neste estudo. O autor de *Il Cortegiano*, tendo nascido na segunda metade do *Quattrocento*, viveu bem de perto o ambiente que distingue o Renascimento. Terá sido com efeito um homem influente na época, ocupando cargos que viabilizaram a sua familiarização com a vivência palaciana, não só na Península Itálica como noutras cortes europeias. É o caso da visita à corte de Henrique VII de Inglaterra, em 1506, enquanto representante de Guidubaldo de Montefeltro⁵; da visita à corte papal, em Roma, como embaixador do Duque de Mântua, Federico Gonzaga; e da missão à corte do Imperador Carlos V, em Castela, em nome do papa Clemente VII. Castiglione viria a morrer no desempenho desta missão, em 1529⁶.

Rodrigues Lobo, por sua vez, era oriundo de uma família de cristãos-novos e natural de Leiria. Apesar das suas origens humildes, o poeta leiriense, também conhecido como «Lereno», formou-se na Universidade de Coimbra, onde ingressou em 1593, e contactou com as elites da época ao longo da sua vida. Deve salientar-

⁵ O testemunho de Castiglione presente na obra indica-nos que o autor não estaria em Urbino (nem sequer na Península Itálica, pois estaria em Inglaterra, na visita à corte de Henrique VII que acima referimos) quando ocorreram as conversas que enformam o seu texto. No entanto, Wayne Rebhorn, na sua obra *Courtly Performances*, assegura que Castiglione estivera, de facto, em Urbino na altura em que as conversas relatadas por ele tiveram lugar (HANNING, 1983, p. 137).

⁶ Num estudo sobre os diálogos de Castiglione e Rodrigues Lobo, Walter J. Schnerr afirma que a missão à corte de Carlos V foi particularmente importante, “so much so Castiglione was blamed directly for failing to prevent the pillage of Rome 1527” (SCHNERR, 1961, p. 139).

se as relações que mantinha com a Casa de Bragança⁷, que era, sem dúvida, a família mais prestigiada de Portugal à época (NAVA, 1985, p. 18). Travou conhecimento ainda com uma família nobre de Leiria, os Marqueses de Vila Real – o que é compreensível, dado que Rodrigues Lobo viveu parte considerável da vida na sua cidade natal.

Embora se observe que os dois autores estiveram familiarizados com o meio curial da respectiva época, importa assinalar que a vivência palaciana portuguesa no tempo de Rodrigues Lobo se distinguia das restantes realidades europeias. Se, por um lado, se reconhece a crescente intensificação das relações sociais na vivência palaciana de Portugal, por outro, “a corte portuguesa aparece quase sempre retratada como um espaço pouco formalizado, com uma sociabilidade simples e destituída de um aparato cerimonial opulento” (CARDIM, 2011, p. 164). A informalidade e a modéstia que caracterizavam a vivência palaciana portuguesa⁸ não só se manifestavam na dimensão material, como no próprio modelo de cortesão. Tome-se como exemplo da monotonia que diferenciava o contexto curial português o Paço Ducal de Vila Viçosa, que na época era habitado pela família da casa brigantina. Apesar de uma certa opulência que o distingue, tratava-se de um espaço que transparecia laivos de ruralidade, sendo literalmente “uma corte na aldeia” (CARDIM, p. 184).

Esta realidade palaciana contrasta consideravelmente com a italiana da primeira metade do *Cinquecento*, na qual verificamos uma preocupação significativa com o modo de viver e habitar a corte. No que respeita ao gosto individual, por exemplo, as cortes italianas mostravam-se bastante favoráveis aos elementos pictóricos e escultóricos na decoração do espaço curial. À excepção do reinado de D. João III, no qual se terá cultivado o gosto pelo retrato de corte, “antes e depois desse período são muito poucas as notícias de que dispomos acerca de membros da família real apreciadores de pintura” (CARDIM, p. 187).

⁷ A relação que Rodrigues Lobo manteve com a Casa de Bragança deve remontar aos seus tempos de juventude, pois o seu pai, André Luís Lobo, ocupou o cargo de escudeiro-fidalgo na casa da infanta D. Isabel de Bragança. Um outro dado digno de referência, dado que ilustra a sua proximidade à família, é as várias dedicatórias que o poeta leiriense fez a membros da casa brigantina. É o caso de *O Condestabre de Portugal* (1.^a ed. 1609), dedicado a D. Teodósio, filho de D. Catarina de Bragança, e da *Corte na Aldeia* (1.^a ed. 1619), dedicada a D. Duarte de Bragança, Marquês de Frechilla e Malagão.

⁸ Note-se que este pequeno retrato da corte portuguesa tem subjacente os relatos de viajantes estrangeiros que passaram em Portugal na época em estudo.

No entanto, embora se depreenda que o ambiente curial com o qual contactou Rodrigues Lobo difere do que foi experienciado por Castiglione, há um aspecto que aproxima a experiência dos dois autores que merece ser evidenciado. Segundo Walter J. Schnerr,

Baldesar Castiglione and Francisco Rodrigues Lobo led almost totally contrasting lives, in which there were still, however, two common elements: both were courtiers and each experienced the humiliation of his own country – Castiglione witnessed the conquest of Italy by foreign powers, and Roiz Lobo lived his entire life during the period when Portugal's independence had been lost to Spain. (SCHNERR, 1961, p. 139)

De facto, os dois autores viveram em períodos de instabilidade. A primeira metade do século XVI foi particularmente conturbada na Península Itálica. Apesar do desenvolvimento cultural extraordinário que se verificou durante o Renascimento, os primeiros decénios do *Cinquecento* ficaram marcados por acentuada instabilidade política e económica. Internamente, assistiu-se a sucessivos conflitos entre as cidades-estado e, no âmbito das relações externas, a Península Itálica esteve sujeita à constante pressão de algumas potências europeias, como França e Castela, que disputavam o poder sobre a região de Nápoles. A ameaça externa teria o seu maior impacto com o saque de Roma pelas tropas do imperador Carlos V, em 1527, e com o cerco de Florença, ocorrido em 1529 e levado a cabo pelo mesmo imperador.

O poeta leiriense, por seu turno, viveu toda a vida sem conhecer Portugal independente. Embora a sua data de nascimento seja problemática, certo é que Rodrigues Lobo viveu grande parte da sua vida durante o período da União Ibérica⁹. Talvez por terem partilhado esse sentimento de instabilidade, os dois autores procuraram debater a questão da língua nos seus diálogos. A despeito de, no nosso ponto de vista, esta questão assumir importância diversa nos dois diálogos, em ambos é apresentada como elemento essencial na definição da identidade nacional. Note-se, porém, que este tópico foi amplamente debatido nos círculos intelectuais da Época Moderna, tanto na Península Itálica como no contexto ibérico.

No primeiro caso, a *questione della lingua* contempla “the centuries-long controversy over the proper definition of the national standard Language (often equated with literary Language) of Italy” (KLEINHENZ, 1996, p. 480). No que

⁹ Selma Pousão-Smith foi quem determinou a data de nascimento de Rodrigues Lobo com maior rigor, apontando para os anos de 1573-1574 (POUSÃO-SMITH, 1983, p. 328-339). Sobre a biografia do poeta leiriense, veja-se ainda: (JORGE, 1999); (FERREIRA, 1943, p. 229-317), e (NAVA, 1985). Embora tenha sido publicado em 1985, este último estudo permanece um «estado da arte» atualizado.

respeita à discussão envolta da *questione della lingua* no período moderno, há três nomes cuja alusão é obrigatória: Dante, Boccaccio e Petrarca. A tese que Castiglione desenvolveu em *Il Cortegiano* e outras que foram propostas na época tinham por base a obra destas três figuras¹⁰. A maior preocupação dos autores modernos residia, essencialmente, na uniformização da língua nacional através da determinação de regras gramaticais e ortográficas.

No que respeita ao contexto ibérico, a língua foi também matéria de debate durante a época Moderna, ainda que assumindo contornos distintos. Em Castela, a acção de Antonio de Nebrija foi particularmente relevante, dado que mobilizou uma vasta reformulação gramatical da língua, em larga medida inspirada no trabalho de Lorenzo Valla (RICO, 1978). Nebrija foi também influente em Portugal, visto que o seu trabalho contribuiu para orientar a definição do programa que se pretendia para a língua portuguesa. O que os eruditos portugueses associados ao Humanismo almejaram era, acima de tudo, a definição de uma língua-padrão, que fosse “distinta, dotada de um conjunto de normas regulares” (CURTO, 2014, p. 400).

A PRESENÇA DE *IL CORTEGIANO* NA CORTE NA ALDEIA

Uma das directrizes que tem orientado a investigação envolta de Francisco Rodrigues Lobo e da *Corte na Aldeia* é a averiguação das obras e dos autores que terão marcado o poeta leiriense na construção dos seus diálogos. Entre eles encontra-se Baldesar Castiglione e o seu famoso *Il Libro del Cortegiano*. Não obstante, José Adriano de Carvalho notou já que “não é possível rastrear, para além de discutíveis ecos de uma ou outra expressão, aproveitamento preciso” (CARVALHO, 1992, p. 25) dos diálogos do autor italiano por parte de Rodrigues Lobo, ainda que se possa subentendê-los como “pano de fundo”. À mesma conclusão chegara Schnerr¹¹, que, reconhecendo que a obra de Castiglione não é citada explicitamente nem referida de forma implícita pelo poeta leiriense, afirmou

¹⁰ No século XVI, além de Castiglione, cuja tese assenta na defesa da *lingua cortigiana*, tomaram parte neste debate: Pietro Bembo, que, sua *Prose della volgar lingua*, defendeu o uso de uma língua arcaica baseada em Boccaccio e, sobretudo, em Petrarca (lembre-se que Bembo é considerado o grande promotor do Petrarquismo); Mario Equicola e Vincenzo Calmeta, que defenderam a tese de Castiglione; Nicolau Maquiavel e Claudio Tolomei, que defenderam o uso do toscano moderno.

¹¹ No mesmo estudo, Schnerr salienta ainda o sucesso obtido pela tradução castelhana de *Il Cortegiano*, realizada por Juan Boscán em 1534. Essa tradução foi publicada em, pelo menos, nove edições só no século XVI, tendo inspirado obras do mesmo cariz, sobretudo no contexto ibérico.

que “the fame of his book was so great that its influence on subsequent treatments of the same topic is undeniable” (SCHNERR, 1961, p. 138).

Em todo o caso, embora exista dificuldade na identificação das fontes que terão influenciado inequivocamente Rodrigues Lobo na concepção da *Corte na Aldeia*, os estudos de José Adriano de Carvalho têm apresentado alguns resultados nessa matéria (CARVALHO, 1970, p. 131-171; CARVALHO, 1976, p. 505-522). Entre os textos indicados pelo autor, importa mencionar a *Piazza Universale di tutti le Professioni del Mondo*, de Tomazo Garzoni, e os dois «Galateos» – *Il Galateo overo de' Costumi*, de Giovanni Della Casa, e a sua tradução-adaptação, o *Galateo Español*, de Luca Gracián Dantisco.

A respeito dos dois últimos, José Adriano de Carvalho considera que não é possível confirmar que o poeta leiriense tenha sequer conhecido a «obrita italiana» de Della Casa, adiantando ainda que, se o autor recorreu ao texto, terá sido à tradução-adaptação que Dantisco publicou em 1593. Não deixa de ser curioso que o sucesso do texto do autor italiano tenha coincidido com a perda de alguma visibilidade por parte de *Il Cortegiano*. Ou, melhor dizendo, com a perda do seu «significado primordial»: obra que reunia um conjunto de normas que orientavam a convivência social e que constituía um exemplo a seguir no plano comportamental. Como observaremos adiante, o significado dos diálogos de Castiglione não se esgota, de forma alguma, nesse carácter normativo. Note-se ainda que a «obrita» de Della Casa é dotada de um cariz marcadamente prático e pedagógico – mais até do que *Il Cortegiano* –, tratando-se de um livro “quase desprovido de idealismo, que põe as suas leis como uma linguagem de significação exclusiva” (CARVALHO, 1970, p. 147).

A própria *Corte na Aldeia* apresenta um cunho prático mais exacerbado do que os diálogos de Castiglione, pois não existe na obra de Rodrigues Lobo um ideal. Além disso, deve recordar-se que os contextos em que os dois autores estavam inseridos eram notoriamente diferentes. Enquanto as cortes italianas renascentistas se caracterizavam pela magnificência e por um carácter mais urbano, associando-se estreitamente ao universo das artes e da cultura, a vivência palaciana portuguesa do final do século XVI e do início do XVII estava sobretudo associada ao meio rural. Como atrás foi referido, tratava-se de uma vivência modesta e até monótona, quando comparada com a vivência palaciana de outras realidades europeias da

época. Inserindo-se em dois ambientes claramente diferenciados, é natural que Rodrigues Lobo e Castiglione tenham concebido obras com um carácter distinto.

OS DIÁLOGOS COMO LUGARES DE MEMÓRIA¹²

A fim de que seja possível averiguar se existe, efectivamente, um carácter memorial nos diálogos de Rodrigues Lobo e de Castiglione, é fundamental determinar quais foram as intenções dos autores com a concepção das suas obras. Afirmámos atrás que o significado de *Il Cortegiano* não se esgota no carácter normativo e pedagógico de que poderá ter gozado quando veio a público. De facto, esses traços são talvez os menos evidentes na obra de Castiglione, dado que não nos parece que o autor tenha querido alguma vez conceber os diálogos como manual de cortesia ou inventário de normas para orientar o convívio em sociedade. O alcance das intenções de Castiglione ultrapassa largamente essa percepção.

No início do Primeiro Livro, dirigindo-se a Alfonso Ariosto, o autor evidencia um dos seus propósitos:

Pedis-me pois que escreva qual é, na minha opinião, a forma de cortesia mais conveniente a um gentil-homem que vive na corte dos príncipes, pela qual ele possa e saiba servi-los perfeitamente em tudo o que é razoável, para adquirir a sua graça e os louvores dos outros; em suma, de que maneira deve ser aquele que merece o nome de perfeito cortesão, de modo que não lhe falte nada. (CASTIGLIONE, 2008, p. 13)

Um pouco adiante no texto, Castiglione insiste nesta ideia, ainda que desta vez pela voz de Federico Fregoso, no momento em que se elege o jogo que orienta a restante narrativa:

Para fazer calar muitos néscios, que, porque são presunçosos e ineptos, julgam adquirir o nome de bons cortesãos, gostaria que o jogo desta noite fosse tal que se escolhesse alguém na companhia a quem se desse a tarefa de descrever com palavras o perfeito cortesão, explicando todas as condições e qualidades particulares que são requeridas a quem merece esse nome. (CASTIGLIONE, 2008, p. 26)

A partir destes dois excertos, compreende-se que uma das intenções de Castiglione é determinar por palavras o «perfeito cortesão», tendo em vista a construção de um ideal. Esta deverá ter sido, aliás, a primeira intenção do autor, pois a obra foi construída durante um período de tempo considerável, atravessando

¹² Importa sublinhar que, quando aqui nos referimos a diálogos, apontamos exclusivamente para *Il Cortegiano* e a *Corte na Aldeia*. As duas narrativas encontram-se estruturadas de acordo com um tipo de diálogo específico: o diálogo ciceroniano.

diversos momentos da sua vida. A dedicatória da obra, por exemplo, que é um elemento fundamental na definição do carácter memorial dos diálogos, foi escrita apenas em 1527, um ano antes da publicação da primeira edição da obra (SACCONE, 1987, p. 5) – a redacção dos diálogos ter-se-á iniciado em 1513. Segundo Robert W. Hanning, num primeiro momento, “Castiglione’s emphasis is on the ideality, not on the mimetic or memorial quality of his work, and his focus is not a living court but rather the perfect courtier” (HANNING, 1983, p. 131-132).

A intencionalidade de projectar um ideal é, sem dúvida, central nos diálogos, dado que atravessa toda a narrativa, e a maioria das matérias abordadas, que são inúmeras, contribui de alguma forma para alcançar a imagem do cortesão ideal. Não raro, o leitor depara-se com desvios relativamente à problemática central e com interrupções na tarefa de que está incumbido o grupo que protagoniza os diálogos. No entanto, à medida que se avança na leitura, torna-se perceptível que esses meandros – como é o caso da menção à *questione della lingua* ou a preocupação em definir a *Donna del Palazzo* – concorrem para um fim maior: o retrato do «perfeito cortesão». Lawrence Lipking notou, além disso, que são esses desvios e interrupções que, muitas vezes, estimulam o desenvolvimento do debate (LIPKING, 1966, p. 356).

A existência de um ideal em *Il Cortegiano* é inquestionável. Todavia, a nosso ver, as intenções de Castiglione não se limitam à concepção do «perfeito cortesão». São diversas as alusões do autor ao papel da memória na sua obra, conquanto o cariz memorial tenha sido uma preocupação tardia. Na dedicatória a D. Miguel da Silva, Castiglione sublinha que foi estimulado pela sua memória a escrever os livros que compõe *Il Cortegiano*, projectando-a num retrato:

E dado que vós [D. Miguel da Silva] não haveis conhecido durante a sua vida nem a senhora Duquesa nem os outros que morreram, excetuando o duque Iuliano e o cardeal de Santa Maria in Portico, a fim de que os conheceis, depois da sua morte, tanto quanto me for possível, envio-vos este livro como um retrato de pintura da corte de Urbino [...]. (CASTIGLIONE, 2008, pp. 8-9)

Ao mencionar que pretende apresentar a sua obra como um retrato de pintura, Castiglione sugere, desde logo, a existência de uma articulação entre a idealização do «perfeito cortesão» e a memória da corte de Urbino. Não deixa de ser curioso que esta seja enquadrada no ideal, ao invés de ser este que se inspira nela como modelo. Em todo o caso, verifica-se uma confluência de intenções. Referimos

acima que a dedicatória a D. Miguel é um elemento essencial na determinação do carácter memorial de *Il Cortegiano*. Note-se o que é dito por Castiglione:

Mas, ao jeito de muitos antigos, e retomando uma grata memória, referiremos os diálogos que outrora certos homens muito notáveis tiveram sobre este assunto; e embora eu não estivesse presente, porque estava em Inglaterra, quando foram pronunciados, ouvi-os pouco depois do meu regresso de uma pessoa que fielmente nos narrou, e esforçar-me-ei por recordá-los, tanto quanto a memória me permitir [...]. (CASTIGLIONE, 2008, p. 14)

Ora, sem que se coloque em causa a transversalidade da tarefa de traçar por palavras o «perfeito cortesão» na obra, torna-se evidente que, ao registar os diálogos que lhe foram relatados¹³, Castiglione fixa a memória das noites em que as conversas ocorreram e, por conseguinte, traça o desejado retrato da corte de Urbino. Nas palavras de Hanning, trata-se de uma evolução “from the creation of a personal ideal to the preservation of a social memory” (HANNING, 1983, p. 132). O resultado é, portanto, uma «memória idealizada», dado que atribui aos protagonistas da narrativa traços do seu ideal. A discrição, a bondade, a prudência, o equilíbrio, a virtude, a magnificência são apenas alguns dos atributos que concorrem para o ideal concebido por Castiglione e que, simultaneamente, singularizam os protagonistas dos diálogos (CASTIGLIONE, 2008, p. 249-251). Saliente-se ainda o que é dito pelo autor no início do Terceiro Livro:

Posso provar o que digo pelo testemunho de numerosos homens dignos de crédito que ainda estão vivos e que viram e conheceram pessoalmente a vida e os costumes que um dia floresceram nesta casa; e sinto-me obrigado a esforçar-me tanto quanto me for possível, e a salvar, pondo nisso o máximo cuidado, esta ilustre memória das trevas do esquecimento e, ao escrever, a fazê-la viver nos espíritos daqueles que virão depois de nós. (CASTIGLIONE, 2008, p. 175-176)

Esta passagem é mormente relevante, pois evidencia que a preservação da memória da corte de Urbino, visando a sua projecção no futuro, era com efeito uma preocupação de Castiglione. Lembre-se, aliás, o que já foi dito atrás acerca do carácter exemplar que as cortes europeias assumiram na Época Moderna.

Continuemos, pois, as conversas sobre o nosso cortesão com a esperança de que, depois de nós, não faltarão pessoas que tirarão ilustres e honrosos exemplos de virtude da presente corte de Urbino, como nós fazemos agora da corte do passado. (CASTIGLIONE, 2008, p. 251)

¹³ No excerto acima citado, Castiglione declara explicitamente que não estivera presente nas conversas que ocorreram na corte de Urbino, no entanto, deve chamar-se a atenção do leitor para o que foi dito na nota 12 deste estudo.

As passagens que têm sido citadas mostram que, apesar de a preponderância do idealismo em *Il Cortegiano*, o autor procurou imprimir um vínculo memorial à sua obra, fixando a memória (idealizada) daquela que ele considerava a mais superior das cortes da Península Itálica. Ainda a este propósito, vale a pena assinalar a importância da arte como expressão da consciência renascentista e como meio de transcender o poder do tempo (HANNING, 1983, p. 131-141). A componente retratística foi particularmente eficaz na convicção do homem renascentista de se imortalizar. No que respeita aos diálogos do autor italiano, Hanning sugere que existem em *Il Cortegiano* dois retratos distintos: “the ideal, timeless portrait of themselves that the courtiers of Urbino collectively fabricate, and the enveloping, commemorative portrait of them that Castiglione offers us in the face of time’s deadly reality” (HANNING, 1983, p. 135). Considerando os dois retratos, compreende-se que ambos estão indiscutivelmente associados a um cariz memorial.

A nosso ver, mais relevante do que a «memória idealizada» que o autor de *Il Cortegiano* nos legou da corte de Urbino, é a memória da consciência da época que os diálogos fixam. A busca do «perfeito cortesão», as qualidades e os atributos que lhe são atribuídos, a valorização de determinados temas, as referências que inspiraram o autor e a demanda incessante por conceber tudo como «obra de arte» são traços essenciais da cultura renascentista, cuja memória é alicerçada por Castiglione nos diálogos.

Ao encerrar um vínculo memorial tão notório, *Il Cortegiano* afirma-se como um lugar de memória que ancora não só a memória que Castiglione procurou imprimir nos diálogos – a da corte de Urbino –, mas também, em larga medida, a memória de uma época. Embora a teorização de Pierre Nora tenha como objecto de estudo a problemática da relação entre história e memória no âmbito da Contemporaneidade, há determinados aspectos dos lugares de memória que se apresentam intemporais. Segundo Nora, “se aquilo que eles [lugares de memória] defendem não se encontrasse ameaçado, também não teríamos tido a necessidade de os construir” (NORA, 2016, p. 57). Esta consideração é mormente relevante se for tida em conta a conjuntura em que Castiglione estava inserido. O século XVI italiano foi extremamente conturbado, como já foi referido atrás, e foi palco de algumas transformações significativas que enfatizaram a sensação de mudança. O Renascimento é, aliás, um período da história cuja mentalidade assenta

essencialmente numa consciência de mudança, na noção de se viver um tempo novo. Note-se, porém, que este optimismo se manifestava sobretudo na cultura.

A sensação de mudança que os acontecimentos da época imprimiram na sociedade poderiam motivar a criação de lugares de memória, como é o caso de *Il Cortegiano*. Apesar da sua complexidade, está patente nele um carácter memorial que merece ser posto em evidência¹⁴.

Conquanto partilhe a mesma temática que os diálogos de Castiglione, a *Corte na Aldeia* distancia-se notoriamente de *Il Cortegiano*. Contrariamente ao que ocorre neste, nos diálogos de Rodrigues Lobo não é intenção do autor criar um ideal nem conceber o «perfeito cortesão». A presença da figura do cortesão na narrativa é sem dúvida frequente, porém, jamais se manifesta o desejo do autor de edificar um ideal. O próprio nunca refere essa intencionalidade. Walter J. Schnerr, tentando estabelecer uma analogia entre os diálogos dos dois autores, refere que existe uma «omnipresença» do cortesão na narrativa sem que haja uma indicação concreta de que ele é o elemento central da *Corte na Aldeia* (SCHNERR, 1961, p. 145).

À semelhança do que acontece nos diálogos de Castiglione, são inúmeras as temáticas abordadas pelo poeta leiriense. No entanto, há uma diferença crucial: enquanto em *Il Cortegiano* todas as temáticas, desvios e interrupções concorrem para um fim maior: o «perfeito cortesão», o desenvolvimento da narrativa na *Corte na Aldeia* não está, de forma alguma, dependente de um fim maior, da definição de um ideal. As matérias tratadas têm um valor em si mesmo. É o caso da questão da língua, que foi atrás referida, e da problemática da retórica, que parece dominar os diálogos (CARVALHO, 2003).

A despeito da natureza distinta das duas obras, há um traço em comum: o seu carácter memorial. Na dedicatória a D. Duarte de Bragança, Marquês de Frechilla e Malagão, Rodrigues Lobo deixa entrever um sentimento de nostalgia, de saudade, que parece tê-lo estimulado a redigir os seus diálogos:

Depois que faltou a Portugal a corte dos Sereníssimos Reis, ascendentes de V. Excelência (da qual as nações estrangeiras tinham grande satisfação e as vezinhas tão igual inveja), retirados os títulos polas vilas e lugares do Reino e os fidalgos e cortesãos por suas quintãs e casais, vieram fazer corte nas aldeias, renovando as saudades da passada com lembranças devidas àquela dourada idade dos portugueses. (LOBO, 1992, p. 51)

¹⁴A propósito do carácter memorial de *Il Cortegiano*, Eduardo Saccone, investigador que se dedicou consideravelmente ao estudo de Castiglione e da sua obra, apresenta uma visão diferenciada no que respeita às intenções do autor italiano nos seus diálogos. Veja-se Saccone (1987).

Compreende-se que a elite intelectual do Portugal da transição de Quinhentos para Seiscentos estivesse dominada por um sentimento de saudade relativamente ao período imediatamente antecedente, não só porque vivia independente, mas também porque foi uma época particularmente próspera para o país devido à expansão marítima. Não deixa de ser curioso, contudo, que esta alusão “àquela dourada idade dos portugueses” seja feita por uma figura que apenas conheceu Portugal na condição da União Ibérica.

Esta passagem é, de resto, sugestiva no que respeita à intenção de Rodrigues Lobo. Ao apontar para a renovação de saudades através de lembranças, deixa vislumbrar o papel que a memória assume nos diálogos. Basta considerar, aliás, o grupo que mobiliza os diálogos para reconhecer a presença, de certa forma nebulosa, da memória na *Corte na Aldeia*. Trata-se de um pequeno grupo “de amigos bem acostumados” que, partindo das suas experiências passadas e do conhecimento que possui acerca da vida na corte, conversa sobre inúmeras temáticas associadas à cortesia. Note-se ainda como prossegue Rodrigues Lobo na dedicatória:

Com a mesma confiança busca a V. Excelência esta Corte na Aldeia, composta de riscos e sombras que ficaram dos cortesãos antigos e tradições suas, para que V. Excelência a ampare como protector da língua e nação portuguesa, honre como relíquia do sangue real deste Reino e a acredite como espelho e exemplo da virtude e partes soberanas dos príncipes passados. (LOBO, 1992, p. 52)

Ora, se o poeta leiriense manifesta a intenção de compor os seus diálogos através de «riscos e sombras» do passado, renovando as saudades do que já passou, parece sugerir igualmente, ao dirigir-se a D. Duarte de Bragança, a pretensão de preservar essa memória e projectá-la para a posteridade. No que se refere ao cariz memorial na *Corte na Aldeia* há ainda um outro aspecto que merece ser sublinhado. A partir da dedicatória dos diálogos, cujas passagens mais relevantes foram acima citadas, depreende-se que Rodrigues Lobo procurou construir a sua narrativa a partir de memórias relativas à corte do passado. Porém, tendo vivido apenas durante o período da União Ibérica, o poeta leiriense não presenciou nem conheceu a corte que almejou representar na *Corte na Aldeia*. Deste modo, a questão que se impõe é: qual a verdadeira inspiração de Rodrigues Lobo na concepção dos seus diálogos?

Sabe-se que, apesar de as suas origens humildes, o poeta contactou de perto com o meio curial português da época durante a sua vida, nomeadamente através da relação que estabeleceu com a Casa de Bragança. Deduz-se, portanto, que Rodrigues Lobo tenha conhecido suficientemente bem o ambiente palaciano da época para redigir uma narrativa cuja abordagem se enquadra na da *Corte na Aldeia*. Schnerr sugere, aliás, que o poeta leiriense tenha tido um modelo concreto: os Duques de Bragança (SCHNERR, 1961, p. 144). De toda a maneira, a caracterização da corte portuguesa que é traçada nos diálogos apenas poderia ser realizada a partir da experiência de Rodrigues Lobo.

Embora anuncie que é sua intenção recordar a corte passada, a corte dos tempos áureos de Portugal, o retrato que o autor propõe nos seus diálogos deverá encerrar a memória do seu presente e não a da corte passada, dado que a primeira é aquela que ele efectivamente conhece. A nosso ver, acha-se na *Corte da Aldeia* uma confluência de memórias. Por um lado, a memória da corte passada que é invocada verbalmente por Rodrigues Lobo, e que se encontra, de certa forma, destituída de conteúdo; e, por outro, a memória do tempo presente, a que está directamente associada à experiência do autor e ao conhecimento que lhe permitiu conceber uma narrativa com as características da *Corte na Aldeia*. Além disso, o próprio título da obra remete para o presente, para o tempo em que a corte portuguesa se reduzia a pequenas cortes na aldeia.

Com praticamente um século a separá-las e com uma natureza manifestamente distinta, as duas obras que aqui se procurou analisar apresentam um traço em comum que não se restringe à grande temática abordada: a sua dimensão memorial. Observou-se que, embora em contextos diferenciados e através de processos diversos, tanto Castiglione como Rodrigues Lobo procuraram conferir um cariz memorial aos seus diálogos, alicerçando a memória das realidades que conheceram. Note-se, no entanto, que consideramos que os dois diálogos não condensam apenas essa intencionalidade. Há, sem dúvida, uma dimensão memorial em ambos, mas esta articula-se com outros propósitos que impedem que as consideremos literatura memorialística.

Trata-se de duas obras complexas, que encerram uma multiplicidade de aspectos que dificultam a sua análise. Contudo, lançando um olhar atento a determinados traços que os autores puseram em evidência, parece-nos possível

propô-las como lugares de memória. Importa notar que o conceito de lugar de memória que aqui procuramos aplicar tem subjacente a ideia de *habitus* portador de uma determinada memória, que é preservada através dele e, por conseguinte, projectada para o futuro. Enquanto literatura na qual os autores procuraram, entre outras coisas, imprimir a memória que tinham de uma realidade específica, *// Cortegiano* e a *Corte na Aldeia* são lugares de memória.

Vale a pena, aliás, lembrar um aspecto que foi já referido: a preocupação dos autores com a posteridade. Nos dois diálogos – embora seja talvez mais evidente em *// Cortegiano* – está patente uma certa preocupação com a preservação da respectiva memória para que ela seja projectada para o futuro. A atenção que Castiglione e Rodrigues Lobo parecem conferir a este aspecto sugere que os dois autores não descuraram o carácter exemplar das suas obras. Em certa medida, elas deveriam servir como exemplo para as gerações vindouras.

A aproximação entre os dois diálogos no âmbito do seu estudo como lugares de memória é particularmente interessante. Como é sabido, a dimensão memorial encontra-se presente nas duas narrativas, contudo, essa dimensão encontra-se expressa de um modo diverso. Em *// Cortegiano*, conquanto a determinação das intenções do autor seja problemática, o leitor depara-se com uma «memória idealizada» da corte de Urbino e, mais importante ainda, com a memória da consciência da época. Ao explorar o conjunto de temáticas que abordou, ao expressar uma intenção clara de construir um ideal, Castiglione tornou a sua obra um testemunho do que terá sido a mentalidade cultural da Itália Renascentista e de quais terão sido as inquietações dos círculos intelectuais da época. Na *Corte na Aldeia*, por sua vez, Rodrigues Lobo procurou legar-nos a memória da corte portuguesa nos seus tempos áureos, ainda que a que tenha ficado verdadeiramente imortalizada tenha sido a memória do seu presente. Embora o poeta leiriense nos remeta para a memória da corte passada na dedicatória dos diálogos, o testemunho que o autor regista deverá ter subjacente a sua própria experiência e não a experiência de quem frequentou o meio curial português do passado. No fim, o que ficou da corte da “dourada idade dos portugueses” nos diálogos do poeta leiriense foi apenas a nostalgia e a saudade.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIA

Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.8, nº15, jul-dez, 2018. p.44-61 ISSN:2238-1651

BURCKHARDT, Jacob. *A Civilização do Renascimento Italiano*, Lisboa: Editorial Presença, 1983.

BURKE, Peter. "O Cortesão". In: GARIN, Eugenio. *O Homem Renascentista*. Lisboa: Editorial Presença, 1995, p. 101-119.

CARDIM, Pedro. A corte régia e o alargamento da esfera privada. In: MATTOSO, José. (Dir.). *História da Vida Privada em Portugal*. Vol. II. [s.l.]: Temas e Debates/Círculo de Leitores, 2011, p. 160-201.

CARVALHO, José Adriano de. A Leitura de *Il Galateo* de Giovanni della Casa na Península Ibérica: Damaso Frias, Luca Gracián Dantisco e Rodrigues Lobo. *Revista Ocidente*. Lisboa, vol. 19, p. 137-171, 1970.

_____. A retórica da cortesia: *Corte na Aldeia* (1619) de Francisco Rodrigues Lobo, fonte da *Epítome de la eloquencia española* (1692) de Francisco José Artiga. *Península – Revista de Estudos Ibéricos*. Porto, n.º 0, p. 423-441, 2003.

_____. Introdução. In: LOBO, Francisco Rodrigues. *Corte na Aldeia*. Lisboa: Editorial Presença, 1992, p. 7-42.

_____. Francisco Rodrigues Lobo e Tomazo Garzoni. *Arquivo do Centro Cultural Português*, [s.l.], n.º 10, p. 505-522, 1976.

CURTO, Diogo Ramada. Língua e memória. In: MATTOSO, José. (Dir.). *História de Portugal*. Vol. III. [s.l.]: Círculo de Leitores, 2014, p. 397-415.

DELUMEAU, Jean. *A Civilização do Renascimento*. Vol. I. Lisboa: Editorial Estampa, 1984.

ELIAS, Norbert. *A Sociedade de Corte*. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.

_____. *O Processo Civilizacional*. Lisboa: Dom Quixote, 1989-1990.

FERREIRA, Carlos Alberto. Francisco Rodrigues Lobo – fontes inéditas para o estudo da sua vida e obra. *Biblos*. Coimbra: Faculdade de Letras, p. 229-317, 1943.

HANNING, Robert W. Castiglione's Verbal Portrait: Structures and Strategies. In: HANNING, Robert; ROSAND, David. *Castiglione. The Ideal and the Real in Renaissance Culture*. New Haven and London: Yale University Press, 1983, p. 131-141.

JORGE, Ricardo. *Francisco Rodrigues Lobo*. Estudo biográfico e crítico. Edição fac-similada. Lisboa: Fenda Edições, 1999.

KLEINHENZ, Christopher. Questione della lingua. In: BONDANELLA, Julia Conaway; BONDANELLA, Peter. *Dictionary of Italian Literature*. Connecticut: Greenwood Press, 1996, p. 480-484.

LIPKING, Lawrence. The Dialectic of *Il Cortegiano*. *PMLA*, [s.l.], vol. 81, n.º 5, p. 355-362, 1966.

MONTEIRO, Nuno Gonçalo Monteiro. *Elites e Poder. Entre o Antigo Regime e o Liberalismo*. Lisboa: ICS, 2003.

NAVA, Luís Miguel. A vida, a obra e as ideias. In: NAVA, Luís Miguel. *Poesia de Rodrigues Lobo*. Lisboa: Editorial Comunicação, 1985, pp. 11-64.

NORA, Pierre. Entre a Memória e a História. A Problemática dos Lugares. In: ALVES, Fernanda Mota; SOARES, Luísa Afonso; RODRIGUES, Cristiana Vasconcelos (org). *Estudos de Memória*. Teoria e Análise Cultural. Vila Nova de Famalicão: Húmus, 2016, p. 51-73.

POUSÃO-SMITH, Selma. The Judaism of Francisco Rodrigues Lobo. *The Modern Language Review*, London, vol. 78, n.º 2, p. 328-339, 1983.

RICO, Francisco. *Nebrija frente a los bárbaros*. El canon de gramáticos nefastos en las polémicas del humanismo. Salamanca: Universidad de Salamanca, 1978.

SACCONI, Eduardo. The Portrait of the Courtier in Castiglione. *Italica*, [s.l.], vol. 64, n.º 1, p. 1-18, 1987.

SCHNERR, Walter J. Two Courtiers: Castiglione and Rodrigues Lobo. *Comparative Literature*, Oregon, vol. 13, n.º 2, p. 138-153, 1961.

FONTES

CASTIGLIONE, Baldesar. *O Livro do Cortesão*. Porto: Campo das Letras, 2008.

LOBO, Francisco Rodrigues Lobo. *Corte na Aldeia*. Lisboa: Editorial Presença; 1992.

Recebido em: 13/03/2018
Aprovado em: 07/05/2018

